

LUIZ BRAGA E MILTON HATOUM: A “DIGNIFICAÇÃO DO ANÔNIMO” NA FOTOGRAFIA E NA LITERATURA

Adrian Kelly Cardoso Melo¹
Arcângelo da Silva Ferreira²

Resumo: O presente artigo aborda como objetivo principal a convergência das narrativas dos trabalhos do fotógrafo paraense Luiz Braga e do literato amazonense Milton Hatoum, discutindo sobre a obra destes produtores culturais: retratam a Amazônia em suas particularidades e peculiaridades únicas, produzindo narrações livres de estereótipos. O artigo também discorre acerca da trajetória de ambos, demonstrando o episódio no qual o literato amazonense encontrou o fotógrafo paraense. Daí o início de uma relação dialógica. Conclui-se que existe um propósito na fotografia de Luiz Braga convergente a arte literária de Milton Hatoum: a “dignificação do anônimo”. Ambos, por meio de suas artes, trazem a lume memórias subalternas, histórias subsumidas.

Palavras-chaves: Milton Hatoum; Luiz Braga; Amazônia.

¹ Estudante de Graduação em História no Centro de Estudos Superiores de Parintins CESP/UEA – adriacardoso@gmail.com.

² Mestre em Sociedade e Cultura na Amazônia (UFAM); doutorando em História Social na Amazônia (UFPA); professor do colegiado de História (UEA/CESP); asf1969@outlook.com

Introdução

(...), já não é simplesmente a literatura que constrói seu tornar-se-pintura imaginária nem a fotografia que evoca a metamorfose literária do banal. São os regimes de expressão que se entrecruzam e criam combinações singulares de trocas, fusões e afastamentos. (RANCIÈRE, 2012, p. 119).

A literatura e a fotografia possuem linguagens distintas, especialidades que ao longo dos tempos se imbricam e se complementam, por mais que se diga que uma imagem vale mil palavras, ela nunca abarca a totalidade desse universo, assim como a literatura. Ao compor a obra literária o universo físico das imagens fotográficas, pôde-se observar a existência da complementaridade entre elas. O escritor traduz uma realidade e o fotógrafo a desvenda com outra linguagem, e estas se combinam. Pode-se dizer que existem diversas formas de representação e interpretação sobre a região amazônica. Propomos na referida pesquisa científica a investigação histórica de um provável diálogo entre a fotografia de Luiz Braga e a Literatura produzida por Milton Hatoum.

Luiz Braga é natural do Estado do Pará, nasceu em 1956, na capital Belém, nos anos de 1970 cursou a faculdade de Arquitetura, no começo de sua carreira produzia fotografias em Preto e Branco (1979), anos mais tarde começa suas pesquisas com as cores (Projeto Visualidade na Amazônia – Funarte). (GRIMALDI, 2012). Milton Hatoum é amazonense, nascido na capital Manaus em 1952. Nos anos 1970 cursou a faculdade de arquitetura na USP. Pela Editora Diadorim (São Paulo), em 1979, publica seu primeiro livro (poemas) intitulado *Amazonas: palavras e imagens de um rio entre ruínas*. Entre 1979-1982 viveu na Espanha e França. Cursa pós-graduação em literatura hispano-americana na Universidade de Paris III. *Relato de um Certo Oriente, nasce na Europa*.

Diante dessas trajetórias cabe, pelo menos, duas perguntas interessantes: onde as fronteiras históricas e artísticas se interpenetram. Qual a peculiaridade de seus processos de interculturalidade? Problematizações que nortearam a investigação histórica, desenvolvida no decurso da investigação. Vale dizer: alguns objetivos foram alcançados, outros, por alcançar. Em suma, essa experiência nos deixou muitas dúvidas, as quais pretendemos buscar resoluções em futuras investigações. (pós-graduações)

Convém descrever, sucintamente, nosso objeto de interesse e, por extensão, nossas intenções: esta pesquisa se fundamentou nas fotografias de Luiz Braga (Babá Patchoulli e a Janela em Marabá) e na literatura de Milton Hatoum com o propósito de argumentarmos que as fotografias do paraense Luiz Braga convergem, sob alguns aspectos com a narrativa de ficção do amazonense Milton Hatoum. O primeiro indício relativo a essa afirmação: as

fotografias mencionadas acima estampam a capa de duas obras de Hatoum (*Órfãos do Eldorado* e *Cinzas do Norte*). Outro ângulo da pesquisa: catalogamos informações a respeito das vidas e obras dos referidos sujeitos, as quais apresentamos separadamente em cada um dos tópicos, linhas adiante, sendo o último deles os resultados alcançados, onde apresentamos a convergência de suas narrativas. Outrossim, elucidamos uma das peculiaridades desses produtores culturais: a “dignificação do anônimo”, posto que a arte de ambos suscita a ênfase às memórias e histórias subalternas presentes na vida cotidiana.

A fotografia e os aspectos da trajetória intelectual de Luiz Braga

A fotografia deixou de ser mero instrumento ilustrativo da pesquisa para assumir o papel de documento, tornando-se uma janela não apenas para o passado, mas também para o presente no qual estamos inseridos, percebemos isso quando observamos a arte de Luiz Braga. Este capta em suas fotografias as coisas simples do nosso cotidiano amazônico, por este motivo seu trabalho é muito original, também pelo fato de trabalhar essencialmente apenas em sua cidade, Belém e em seus entornos. Em uma entrevista³ concedida por ele à revista *VICE*, *A trajetória do paraense que retratou a periferia de uma Belém do Pará sui generis*, a entrevistadora Débora Lopes narra um capítulo da trajetória deste grande fotógrafo:

É no lusco-fusco da periferia de Belém, no Pará, que as lentes de Luiz Braga se deleitam há 40 anos. As luzes das pequenas vendas de açaí, dos carrinhos de cachorro-quente e dos bares construídos em palafitas refletem e emolduram moradores e transeuntes fotografados. Acertar a fotometria de um clique à noite, com pouca iluminação, pode enregelar qualquer fotógrafo iniciante. Essa condição complexa consagrou o paraense autodidata que se empenhou no casamento impecável da escolha de abertura e da velocidade em sua Hasselblad analógica. Ao longo dos anos, a máquina acabou sendo preterida por uma Nikon digital - ainda que abrir mão da textura proporcionada pelo filme para se adaptar à baixa qualidade das primeiras câmeras digitais lançadas no mercado tenha levado tempo. (LOPES, Débora. 2017 p.01)

Luiz Braga começou a fotografar aos 11 anos de idade quando ganhou uma câmera de presente de um amigo da família, era uma genérica da Rolleiflex, ele a teve até seus vinte anos, quando houve um assalto em seu estúdio e furtaram a mesma entre outros objetos. Segundo o que consta em suas entrevistas publicadas em diversos veículos digitais e impressos, Braga não fez fotografia com a intenção de lucrar ou ganhar fama, mais unicamente para sua satisfação pessoal, por amor, para se expressar, se comunicar com o

³ Entrevista concedida por Luiz Braga a revista *VICE* no ano de 2017, foi realizada por Débora Lopes. Onde o mesmo apresenta grande parte de sua vida e de sua carreira, suas falas estarão presentes no decorrer do texto, portanto, iremos nos referir a tais falas como (BRAGA 2017).

mundo, tudo que conquistou ao longo do tempo foi consequência de seus passos, de seus raios de luz construídos ao longo de sua carreira. “Comecei a trabalhar fazendo retratos, fotos de turismo, e sempre fazendo as minhas fotos. Na verdade, me meti na fotografia não pra ganhar dinheiro. Acabou coincidindo de ser uma profissão ...” (Braga, 2017 p.03/04).

Braga procurou aprimorar o que já sabia e a aprender o que ainda precisava, procurou o fotógrafo de sua família, “Seu Oscar” que lhe forneceu dicas importantes, também fez um curso por correspondência a fim de aprender a revelar as fotos que tirava. Suas primeiras fotos foram feitas em casa, ele sentava-se no corredor e ficava fotografando suas irmãs, para ele era mágico o momento de revelar as fotos, em um estúdio improvisado que fizera em um quarto escuro no porão, sentia-se imensamente feliz. Iniciou a faculdade de Arquitetura mesmo sabendo que não seguiria na profissão, mais sendo ciente que ainda sim ela teria méritos em sua nova carreira:

Eu já sabia que não ia ser arquiteto porque já estava envolvido com a fotografia. Mas não me arrependi. Peguei ótimas lições de estética, de história da arte, arquitetura, planejamento. A faculdade teve outro grande mérito. O trajeto para a faculdade de arquitetura era muito rico do ponto de vista da inspiração pra mim. Eu ia pela periferia, pela beira do rio, onde os cabocos do interior se colocavam pra viver. Quando vi, já estava saltando do carro com a câmera na mão e mergulhando naquilo que acabou sendo chamado de "visualidade popular da Amazônia" pela Funarte. E comecei a descobrir essas cores.(Braga, 2017 p.04).

Segundo Braga, sua linha de trabalho realmente é mais voltada para as belas paisagens amazônicas, o cotidiano do caboclo, mas especificamente as áreas periféricas da cidade de Belém, ele se envolve de tal maneira com a fotografia que cada *click* se torna inédito mesmo tendo vários outros no mesmo lugar. A influência do fotógrafo na cena acontece desde a invenção da fotografia, isso acontece no momento da escolha estética, técnica ou ate mesmo ideológica da reprodução da imagem, ou seja, na sua composição, também podendo ter influência na sua interpretação. Conforme Miriam Moreira Leite (1996, p. 83), “a imagem não se comunica com clareza”. Ela pode forjar realidades que somente as voltas de constantes e insistentes olhares, aliadas à disposição dos sentidos em captar aquilo que não vemos na superfície, pode nos levar a reconhecer outros conteúdos que ultrapassem aquela primeira impressão que se tenta impor ou estabelecer. Todas as fotografias de Braga se apresentam desta forma, é como se existe algo oculto por traz de cada uma delas que nos faz analisar e interpreta-las de várias maneiras por mais simples que sejam. Com Le Goff (1990), aprendemos que todo documento tem suas intenções, por vezes escondidas em uma vírgula,

uma fratura de imagem, despercebidas. Porém, significativa aos olhos cuidadosos do pesquisador. De qualquer modo, a interpretação da imagem será sempre pessoal, subjetiva e múltipla, não podendo dizer que a imagem será lida da mesma forma por todas as pessoas. Isso é explicado por Kossoy, pois depende do quanto “o receptor projeta de si, em função de seu repertório cultural, da sua situação socioeconômica, de seus preconceitos, razão por que as imagens sempre permitirão uma leitura plural” (2001, p. 115).

Suas obras se destacam por ser diferente, por serem constituídas por características que são muito ligadas a seus afetos, como a simplicidade da vida cabocla, as cores vibrantes das áreas periféricas, suas referências que de certa forma acabam dialogando com o seu universo, seu trabalho vai se renovando ao longo do tempo, com novas técnicas, novas cores, Braga visa experimentar com o intuito de expandir, de encontrar outras formas de se reinventar à medida que vai amadurecendo profissional e pessoalmente. Para Kossoy (2001), toda fotografia tem sua origem a partir do desejo de um indivíduo que se viu motivado a congelar em imagem um aspecto dado do real, em determinado lugar e época. “O fotógrafo enquanto filtro cultural” (p. 42). Luiz Braga assume esse papel, quando apresenta a Amazônia em suas múltiplas faces, características que são em essência os componentes fundamentais de suas obras.

O interessante de seu trabalho é que o mesmo fotografa a simplicidade, fugindo dos padrões de beleza com o qual estamos acostumados, ele fotografa desde as pequenas vendas de açaí até os trabalhadores que residem nas periferias de Belém, sabemos que conseguir um clique perfeito a noite, não é uma tarefa fácil, entretanto Luiz Braga conseguiu, por este e outros motivos consagrou-se. A fotografia está em uma constante transformação, tanto na técnica, quanto na linguagem, visando atingir um público diversificado, por isso é coerente dizer que o limite no qual a fotografia pode chegar é medido pela própria capacidade da mente humana que a produz. Podemos dizer que a fotografia em nossa vida funciona como uma ponte entre olhares, pois a imagem se torna uma ferramenta de comunicação e interpretação. Pois permitem conhecer aspectos significativos da memória coletiva, indo muito além de meras descrições, e trazem expressões vividas em outros tempos. Assim, retratam a História Visual de uma sociedade, documentam situações, estilos de vida, gestos e atores sociais, permitindo aprofundar o conhecimento da cultura material, expressa na arquitetura, nas cidades e nos objetos.

Ao longo de sua carreira foi conquistando seu espaço, sendo merecedor de várias premiações importante e representando nosso país em alguns eventos internacionais e tocando neste ponto e importante falarmos de outra questão, Braga é da região norte, e quanto a isso ainda existe certo “preconceito regional” ele conta um pouco disso em sua entrevista:

Quando fui escolhido pra ser um dos representantes do Brasil na Bienal de Veneza, um jornalista me perguntou: "Mas o que você fez pra ser o artista escolhido?". Eu falei: "Cara, não fiz nada. Não tenho galeria". Não fiz nada, mas vinha fazendo ao longo dos anos. Tempos depois, fui entender o viés da pergunta. Como que um cara do norte, que ainda mora no norte, pode ser o representante? (BRAGA, 2017 p.05)

Uma de suas fotografias mais emblemáticas é a da *Babá Patchouli*, que a princípio foi considerada um erro por ele. Nela, Braga utilizou “um filme não apropriado para captar luzes artificiais, a imagem resultou em desvios cromáticos um tanto bizarros, causados pela temperatura de cor.” (CHIODETTO, 2014, p.16).



Figura 1: fotografia *Babá Patchouli*

Porém, aos poucos o fotógrafo foi compreendendo que *Babá Patchouli*, era um de seus maiores acertos, tornando-se o diferencial no seu trabalho, tal fotografia teve um significado pessoal para Braga, nela fotografia ele podia se ver junto a sua madrinha, ela também é uma representação clara amazônica em suas múltiplas faces e cores.

Aspectos da trajetória intelectual de Milton Hatoum

Um dos aspectos mais evidentes da nossa atualidade é a falta de tempo, a pressa do dia-a-dia, a rapidez, a superficialidade. A banalidade se tornou um gênero artístico! As pessoas se acomodaram e deixaram de dar importância e apreciar aquela arte com reais significações, mas é claro que ainda existem pessoas que gostam de uma boa leitura, são

leitores exigentes, atentos aos detalhes e são justamente essas pessoas que interessam ao escritor dando-lhes combustível e motivação para continuar escrevendo. Em um país onde a leitura é pouco valorizada é normal algumas pessoas nunca terem ouvido falar do literato Milton Hatoum, sendo este um dos mais importantes escritores da atualidade, vem de uma família de classe média, nasceu na cidade de Manaus e é descendente de libaneses do lado paterno e assim como Luiz Braga ele estudou arquitetura. Ainda muito jovem saiu do Brasil no final do ano de 1979 quando ganhou uma bolsa de literatura em língua espanhola em Madrid, o curso deveria durar apenas quatro meses, entretanto ele não queria regressar ao Brasil e acabou ficando por quatro anos. Começou assim a sua jornada literária, ele acreditava que para seguir a carreira de escritor era necessário ter coragem, pois não é apenas o talento que conta tem que ser corajoso para compreender que o romance é muito difícil de construir, leva tempo para se obter boas ideias e as leituras simbolizavam um bom começo. Ele leu com bastante paciência muitos romances clássicos, já que para ele é bem melhor aprender a escrever lendo, demorou bastante tempo para conseguir concluir seu manuscrito *Relato de Um Certo Oriente* um pequeno romance que iniciou quando saiu do Brasil e só conseguiu terminá-lo no ano de 1987 o publicando em 1989, ou seja, desde que começou a escrever até a sua publicação, passaram-se nove anos, ele estava inseguro afinal era seu primeiro livro o marco inicial de seu novo caminho como escritor, foi um livro que recebeu premiações como o prêmio Jabuti de melhor romance e também um prêmio oferecido pelo Estado do Amazonas. Após regressar da Europa e com poucas oportunidades de emprego começou a trabalhar na Universidade do Estado do Amazonas dando aulas de literatura francesa onde ficou por pouco tempo.

Em uma das entrevistas em mídia concedidas por Hatoum a editora Saraiva, conta que nos anos de 1970 depois de ter saído de Brasília, onde estudara o ensino médio na Escola de Formação da UNB, mudou-se para São Paulo e acabou descobrindo o gosto pela poesia e achando que poderia seguir neste caminho, juntamente com dois amigos criou uma revista que publicava poesias, chegando inclusive a escrever um livro, entretanto este ainda não era o caminho certo.

Como todo jovem gostava de ler alguns livros e no período em que morou em Brasília chegou a participar de concursos literários, seu primeiro poema foi publicado no jornal *Correio brasiliense* no ano de 1969. Estudou arquitetura na USP onde também, frequentava como ouvinte alguns cursos de literatura na mesma universidade com grandes professores como David A. Jr, Lilian Perroni e naquela época escreveu alguns contos, no entanto nenhum

foi publicado eram contos muito sofridos, imitações! Por que é por aí que os escritores começam escrevendo imitando, usando como referência algum escritor que ele aprecie isto é algo inerente ao ser humano, até encontrar seu próprio estilo. Devido seu gosto pelo desenho e pela pintura ele acreditava que deveria seguir a carreira de arquiteto, na verdade ele não sabia ao certo o que realmente faria ainda não havia se encontrado. Se considera um arquiteto fracassado, segundo ele próprio a arquitetura é um curso para indecisos em sua turma menos de dez de seus colegas se formaram para de fato exercer a profissão, enfatiza isto na maioria de suas entrevistas.

O sonho daquela sua geração de arquitetos era a habitação popular que, no entanto acabaram se tornando projetos vergonhosos sem estrutura digna para a população, não tinham projetos urbanísticos nem se quer uma árvore para fazer sombra, que dirá esboços de projetos de saneamento básico, Milton apresenta isto em seus livros a um desprezo e certa falta de sensibilidade no momento de projetar aquelas casinhas, ele próprio chegou a fazer alguns projetos que não deram certo, um deles foi à construção de uma casa que com o tempo acabou se transformando em um bordel e nesse momento ele teve certeza que aquela profissão não era pra ele.

Milton em uma entrevista⁴ concedida ao Dr. Dráuzio Varella, revela que a princípio acreditava que não havia nascido para ser escritor na juventude leu alguns livros que de certa forma lhe marcaram como o livro “vidas secas” de Graciliano Ramos, leu também algumas obras Machadianas que ganhara de sua mãe e teve contato com as obras de Erico Verissimo, Jorge Amado, Euclides da Cunha e muitos outros escritores renomados que contribuíram para a sua construção como escritor.

Apesar de ter ganhado renomadas premiações, Milton acredita que a maior recompensa para um bom escritor é o seu leitor, pois são eles que lhe fornecem energia para continuar produzindo, suas obras assim como as de Luiz Braga estão muito ligadas a seus afetos, notamos que ele gosta muito de falar das suas origens e do lugar a que pertence, sendo de forma romântica ou sarcástica com um pouco de crítica, temas políticos de certa forma não cabem em seus trabalhos, talvez se encaixem de forma lateral, pois falar diretamente sobre este assunto sem ironia fazendo análises não se encaixa em seu trabalho.

A fratura social, os dramas familiares que já se fazem presente desde a sua primeira obra *Relato de um certo oriente* e depois essa fratura, esse ideal familiar se expandiu para a

⁴ Entrevista conduzida pelo Dr. Dráuzio Varella no dia 23 de junho de 2016 (<http://youtu.be/hc8CT4s7yJO>)

cidade de Manaus no romance *Dois Irmãos, Cinzas do norte*, foram temáticas que sempre lhe interessaram mas através da memória que para ele é uma espécie de musa da literatura, o que lhe interessa na família dos seus personagens que hora ou outra pode se assemelhar a sua, sempre existe um desgarrado familiar que muito tem a contar, as famílias tidas como “certas”, não servem para o romance. O romance retrata o indivíduo isolado, dono de uma experiência limitante em relação às narrativas tradicionais. Em correlação, o advento da informação corta o potencial imaginário pela explicação, pelo sentido determinador. Segundo Benjamin:

(...) somos pobres em histórias surpreendentes. A razão é que os fatos já nos chegam acompanhados de explicações. Em outras palavras: quase nada do que acontece está a serviço da narrativa, e quase tudo está a serviço da informação (BENJAMIN, 1996, p. 203).

Essa inquietação e ineficiência existencial, o personagem de um romance já não encontra seu lugar na sociedade, daí a sua perspectiva de vida solitária e fraturada. As figuras maternas e femininas aparecem como figuras importantes em suas obras a única delas na qual essa figura aparece muito pouco é na obra *Órfãos do Eldorado*, foram referências importantes para Hatoum na infância e decisiva em sua formação, sua vó, suas tias, sua mãe.

Escrever um romance é difícil, ele não é centrado em um único motivo é uma espécie de rio com diversos afluentes que desembocam em algum mar distante não possui um caráter didático nem ideológico, um romance que venha trabalhar com esta última característica perde muito sua força, no entanto é algo que Milton gosta de fazer a escrita é movida pelo desejo é sempre uma atividade passional não procuramos um tema para escrever um romance esses conflitos e tramas estão dentro de sua própria essência, presentes em nossas vidas e tudo isso é recortado e filtrado pela linguagem, imaginação e memória. Escrever um romance hoje é quase um ato de loucura, porque acredito que o mundo está cada vez menos interessado na literatura, nosso tempo escolheu outros temas, estamos em um tempo da velocidade, da informação, da pressa, das celebridades, não é o tempo da literatura, contudo a literatura também é uma forma de resistência de tudo isso, cada escritor tem o seu método de trabalho, seu ritmo. Milton começa a escrever um romance quando a sua forma e estrutura muito mais que o tema está esquematizado em sua cabeça, ele precisa encontrar a forma e modo de fazer uma narrativa antes de começar a escrever e isso aconteceu em todas as suas obras que somam ao todo cinco romances, ele adotou como forma um romance construído com anotações, cartas e com diários é uma forma fragmentada que ele inventou para fazer as narrativas esse processo não apenas para Hatoum como para outros escritores é oscilante pode

ser mais demorado ou não. Tem a seu favor a paciência, não sabe escrever com pressa, assim como as outras coisas em sua vida como comer e amar, tudo que é feito com paciência gera bons resultados.

Em dois de seus romances *Relato de um certo Oriente* e *Dois Irmãos* é possível notar elementos que mostram seus afetos com a cidade de Manaus e também suas heranças libanesas, esta é uma mistura complexa que abre a nossa mente para diversas interpretações, esse pequeno universo de imigrantes que vieram para o Brasil, ele foi uma criança que cresceu ouvindo a língua árabe vendo aquelas pessoas jogando gamão⁵ e falando uma língua incompreensível para ele (árabe) e também sua vó falando francês, língua que não era tão estranha pois ele a estudava na escola.

O papel do escritor e do intelectual de modo geral deve ser sempre crítico a qualquer forma de poder político, dessa suposta democracia que existe no Brasil é nesses momentos de mais obscuridade, os intelectuais deveriam se manifestar, o intelectual perde a credibilidade quando é totalmente fiel ou leal a uma religião, ou a algum partido político, quando não consegue criticar o poder, relatar a cerca da mentira que se escondem por traz do poder. Milton é esse intelectual crítico que se mantém independente do poder, o próprio romance pode ser uma resposta, pois ele não dá lição de moral, no entanto, sendo um romance de formação o leitor percebe que a importância da leitura, da formação intelectual como aquisição de um pensamento mais crítico, sendo cidadãos capazes de entender a situação política e social e critica-la.

Convergência das narrativas de Milton Hatoum e Luiz Braga

O resultado das relações entre linguagens resulta numa produção criativa, em geral os elementos apresentados nas obras estão muitas vezes indissociáveis e que demonstram essas particularidades. A fotografia e suas ambiguidades transitam entre a realidade e a ficção, no entanto, será sempre a nossa visão de mundo que vai interpretá-la. Mesmo assim, ainda parece que a leitura fotográfica carece de uma devida decifração, uma anomalia semelhante a um analfabetismo: nossa visão fotográfica associada ao mundo das palavras. O mundo literário é um alfabeto imagético que possibilita ampliar nossa visão de mundo conjugada ao universo da imagem fotográfica. Pesavento (2002, p. 13) é fecunda ao afirmar que: “Nossa

⁵ O Gamão é um dos jogos de tabuleiro mais antigos praticados até o presente, disputado entre dois parceiros sobre um tabuleiro de dois compartimentos.

ideia é de que a literatura não pode ser entendida como uma “fonte a mais”, mas justamente como a fonte que pode dar aquele “algo a mais” que os documentos comumente usados pela história não fornecem”.

Chegamos a um ponto crucial em nosso trabalho de pesquisa: a convergência das narrativas dos personagens centrais deste projeto. É possível notar que os caminhos da narrativa no trabalho do literato Milton Hatoum são conexos à conjectura, pois ao retratar determinados lugares de memória acaba dialogando com dois tempos distintos, a realidade e a representação por meio da imagem fotográfica, ele traça uma narrativa rica em detalhes, significações, lembranças e memórias que nos permitem viajar em meio a leitura. A relação entre Braga e Hatoum se deu pela existência de alguns dos registros feitos por Braga na capa de alguns livros de Milton Hatoum, como, a primeira edição de *Cinzas do Norte (Babá Patchouli, 1986)* e de *Órfãos do Eldorado (Janela em Marabá, 2005)*.

Luiz Braga conheceu Milton Hatoum nos anos de 1990, em um jantar na casa de amigos comuns, Rubens Matuck e Rosely Nakagawa, que haviam sido seus colegas na FAU/USP. Na ocasião Braga mostrou uma caixa portfolio com suas obras em cores. Algum tempo mais tarde mostrou a mesma a outra amiga, esta residente em Belém assim como ele, a escritora Maria Lúcia Medeiros, que foi até seu estúdio e deixou um exemplar de *Relato de Um Certo Oriente* que Hatoum enviara através dela. Luiz por sua vez nunca havia lido a obra e encantou-se com a narrativa inundada de imagens que o tocavam a memória e o coração. Mesmo tendo sido ambientada em Manaus, podia ser a Belém de seus ancestrais já que ambas as cidades tiveram um período virtuoso, advindo da riqueza dos seringais, seu sobrenome “Salameh” é apenas mais uma afinidade.

Algum tempo depois Hatoum o consultou sobre usar uma de suas imagens na nova edição de *Relato de Um Certo Oriente*, como ele assevera:

Um tempo depois ele me consultou sobre usar uma imagem minha na nova edição de Relat... enviei diversas imagens para a Cia de Letras e uma delas, que parece ter sido feita para o livro, foi escolhida... assim, outras capas se sucederam, Cinzas do Norte, Órfãos do Eldorado... (Braga, 2018.)⁶

Assim, foi escolhida, imagem esta que fez parte de sua primeira exposição, I Portfolio no ano de 1979, havia sido clicada em 1976 num palacete abandonado de uma outrora bem sucedida família de Belém. Luiz gostou muito da capa e também da sintonia que ela expressa

⁶ Este é o trecho de uma breve entrevista concedida por Luiz Braga via e-mail.

entre seus trabalhos. Embora haja uma rivalidade tola entre Belém em Manaus (tipo Rio x SP), Milton ama Belém e é amado e admirado por seus conterrâneos.

A relação entre ambos ficou consolidada. Testemunho disso foi o fato de Milton batizar uma das mostras de Luiz em 2000, com o título de “Desenhos do Olhar” e escreveu um texto com esse título que foi utilizado por Braga em 2007 no livro que publicou sobre o Mercado do Ver o Peso. Como já foi dito, outras capas se sucederam *Cinzas do Norte*, *Órfãos do Eldorado*. E outra parceria foi quando a primeira edição do livro de contos *Cidade Ilhada*: na capa está o registro do detalhe de uma fotografia, originalmente feita por Braga. A relação dialógica com a obra de Milton é tão significativa que, para a locação do filme *Órfãos do Eldorado*, Braga teve oportunidade de indicar locais de filmagem para o diretor Guilherme Coelho, inclusive, deu dicas técnicas como, por exemplo, na cena da atriz paraense Dira Paes na rede.

Procurando desenvolver um elo entre o trabalho destes produtores culturais⁷, verificamos que o imaginário de Hatoum é elaborado a partir de imagens distorcidas de suas lembranças ou mesmo se apropriando das memórias de seus ancestrais, uma Amazônia em destroços. Assim sendo, transgressora das vertentes laudatórias ou mesmo apologéticas. O que nos faz lembrar de alguns escritos deixados por Walter Benjamin, pois ele sugere a reconstrução de uma escrita mágica tendo sua essência estilhaçada pela linguagem humana, o autor busca na literatura a fonte metodológica para o desvelamento das mentalidades que transcorrem os tempos, a essência das coisas e dos seres está no traçado possível de sua constelação, cujos fragmentos são ditos pela linguagem humana. Assim, pensamos que tanto em Benjamin como em Hatoum a literatura se apresenta como revelação do instante, aquilo que reveste a linguagem enquanto memória e inconsciente de uma unidade e transparência efetuadas por imagens.

Podemos usar a mesma preposição quando olhamos a fotografia de Braga: marcante, é centrada na cor e na luz, subsídios muito importantes no arranjo da sua composição fotográfica. Braga tem um olhar delicado que enfrenta, insone, o desafio de fugir do senso comum justamente para subverter a visualidade padronizada da região amazônica, como ninguém ele consegue transformar os ambientes comuns através de seu olhar extraordinário, sua obra está baseada na ideia de ruptura e repouso. A ruptura se evidencia por conta da luminosidade especial utilizada por Braga, ele trabalha a luz natural em harmonia com as

⁷ Também denominado de agente cultural, corresponde a um dinamizador das potencialidades culturais onde atua. Isto significa atuar como incentivador, socializador e mobilizador das experiências dos grupos culturais.

fontes de luzes artificiais que se fazem presente em suas fotografias, luzes fluorescentes e fosforescentes das residências e também das luzes da iluminação pública, podemos dizer que ele cria uma lógica desconcertante que nos provoca uma sensação incomoda que acaba nos instigando a questionar a fronteira entre a realidade e a ficção. O que desencadeia tal sensação é que essas cores de Braga são praticamente impossíveis de serem registradas pelos olhos humanos é uma luz misteriosa que acaba por estimular a nossa imaginação, podemos então compreender as suas fotografias como exercícios de admiração do cotidiano popular presente nas periferias da cidade de Belém, raramente temos a oportunidade de ter contato com um trabalho de tamanha coerência e dedicação, ele consegue criar novas imagens e pesquisar novas possibilidades de expressão olhando para o seu próprio cotidiano. É um trabalho brilhante!

A imagem elaborada desde os espaços de memória, tanto em Braga como em Hatoum é essencial. Com efeito, a imagem é o objeto central no pensamento benjaminiano, ela se apresenta como elemento construtivo e depositário das formas cognitivas, por estabelecer um vínculo entre o real e o imaginário. Como destaca Willi Bolle:

A “imagem” é a categoria central da teoria benjaminiana da cultura: “alegoria”, “imagem arcaica”, “imagem de desejo”, “fantasmagoria”, “imagem onírica”, “imagem de pensamento”, “imagem dialética” (...) A imagem possibilita o acesso a um saber arcaico e a formas primitivas de conhecimento, às quais a literatura sempre esteve ligada, em virtude de sua qualidade mágica e mítica. Por meio de imagens – no limiar entre a consciência e o inconsciente – é possível ler a mentalidade de uma época (BOLLE, 2000, p.43).

Walter Benjamin compreende a literatura como uma importante forma de conhecimento bem sabe se que as imagens em suas obras atuam como pontes de ligação com as outras ciências, sendo esse também um meio de atingir e despertar um saber adormecido do passado, que é tirado de seu contexto original e trazido para o presente como uma imagem dialética, ou seja, uma imagem mediada entre o real e o imaginário. O que nos faz conjecturar que uma das matrizes intelectuais de Hatoum é o referido filósofo da Escola de Frankfurt. Senão vejamos essas considerações do literato amazonense:

A *memória* é o único desafio do passado, de prestar contas com ele, seja através de uma imagem, de uma história oral e escrita. É como se, diante de uma *ruína* a gente tentasse imaginar a casa antes de sua demolição ou destruição: quem morava ali, como e que tempo viveram aquelas pessoas, como eles se relacionavam entre si, etc. O ponto de partida são as ruínas, e a ficção é uma tentativa de imaginar sua *história*, reconstruindo o que não existe mais. (HATOUM, 2006, p. 25).

Ora, o literato já declarou que a memória e a deusa tutelar da literatura. É por meio das diversas memórias que ele traz a lume seu imaginário de Amazônia. Milton Hatoum capta a Amazônia em sua forma mais simples e ao mesmo tempo emblemática, ao ler suas obras percebemos a quantidade de interpretações que conseguimos obter, seu trabalho é excepcionalmente diferente, destacando-se dos demais, pois grande parte das obras sobre a Amazônia se pautam sobre aquele olhar eurocêntrico presente nas primeiras expedições, Hatoum está mais comprometido com a literatura realista, seus personagens estão no passado porque a literatura fala do passado para de algum modo esse passado ressoar no presente, o passado na literatura não deve ser um passado cristalizado, morto. Acreditamos que neste ponto os escritores literários e os historiadores tem algo em comum, um historiador não fala de passado como um passado morto, falamos dele para que os outros possam entender com clareza o presente. A diferença entre a literatura e a história é que a verdade da literatura não é a verdade da história, é uma verdade inventada, imaginada com uma dimensão histórica eventualmente em um romance, mais é apenas uma verdade de relações humanas, ou seja, entre os personagens, pensando desta forma. Hatoum já deixou dito em determinadas entrevistas que não saberia escrever sobre o presente, pois o circunstancial pertence ao jornalismo, caso não fosse escritor, talvez fosse apenas um arquiteto enfadonho, pois encontrou sua essência na literatura é onde se sente mais vivo é um espaço onde os sonhos não possuem dimensões nem limites, para inventar e se reinventar, trabalhar com a linguagem e até mesmo para amar, pois não deixa de ser uma atividade na qual tudo é movido pelo desejo. A escrita não é uma atividade obrigatória, não se tem horário certo para começar e terminar, você tem a liberdade de poder escrever de madrugada, quando acorda no meio de um sonho e sente que aquele detalhe pode se fazer interessante no seu trabalho, ou na mesa de qualquer barzinho, em diversos momentos e lugares tidos como incomuns para realização de uma obra.

Em suma, no trabalho intelectual de Luiz e Braga e Milton Hatoum, conforme nossa análise, existe um ponto de convergência. Foi, inclusive, por meio das reflexões de Walter Benjamin que esse conector veio a lume: ambos procuram dignificar figuras anônimas, aquelas que estiveram/estão na história, porém não aparecem na historiografia e, por extensão, as imagens canônicas acerca da Amazônia. Ora, como afirma Benjamin, cabe ao intelectual elaborar narrativas a contrapelo. Aquelas onde as trajetórias históricas dos vencidos aparecerem. Consideramos, assim, a fotografia de Braga e a literatura de Hatoum ruínas, escombros, pelos quais podemos visualizar os vestígios de memórias soterradas, porque

subalternas. Com Hatoum e Braga, portanto, as memórias brotam pujantes: servem “para a libertação e não para a servidão dos homens” (LE GOFF, 2003, p. 471).

Considerações finais

No texto “Desenhos do olhar” Milton Hatoum fala um pouco sobre a obra de Luiz Braga, é possível notar que o que chama a atenção do literato é a simplicidade presente nas fotografias do paraense que de alguma forma mostra uma memória estereotipada, mas seu tempo acaba sendo alegre por ser lento, por mostra o jeitinho manso da vida amazônica. Os registros fotográficos são um depósito de memórias, onde é possível preservar tradições deixadas por pessoas simples. Assim é possível sentir a presença humana mesmo sem que elas estejam visíveis nas imagens. Podemos afirmar de certo modo que a convergência de suas narrativas está no olhar, o modo como ambos veem as representações.

Parece loucura fazer a combinação entre o trabalho de duas pessoas extremamente talentosas e de campos aparentemente diferentes, muitas vezes olhamos, mas não vemos os pequenos detalhes nas fotografias, elas nos contam histórias, são ricas em detalhes o trabalho de Braga é inovador, pois retrata o dia a dia, os pequenos detalhes que deixamos escapar, nos mostra que o simples é belo, que a verdadeira riqueza não esta nas coisas caras que o dinheiro pode comprar mais na simplicidade do dia a dia das pessoas. O trabalho de Hatoum nos transmite a mesma mensagem de uma forma diferente, lendo suas obras conseguimos imaginar cenários, viajar para lugares imaginários é como se ele fotografasse com as palavras, ambos retratam a Amazônia na sua forma mais pura e real, imprimem narrativas livres de estereótipos. Tanto Milton Hatoum quanto Luiz Braga, por meio de suas obras promovem o encontro da sociedade com a arte e a cultura, por este motivo a narrativa de ambos se torna um acontecimento histórico, o elo deles está no olhar, eles produzem uma visão da Amazônia sobre si mesma. Intimista. Braga elucida os indícios de uma cultura simples, marcas deixadas pela gente subsumida. O período histórico de Hatoum é precípuo para que se torne entendível as chaves de leituras presentes nas estruturas de sua grafia literária, chaves estas que se convergem de certa forma, muito parecidas com as existentes nas fotografias de Luiz Braga. Desta maneira a narrativa de Hatoum acaba possibilitando uma fronteira com o trabalho de Braga. Este por sua vez mostra muita simpatia com a literatura de Hatoum.

Ao produzir imagens, o fotógrafo, através de suas obras, ocasiona um encontro entre sociedade, arte e cultura. Assim a narrativa fotográfica torna-se um acontecimento histórico. Como assegura Kossoy (2014, p.46):

O registro visual documenta, [...], a própria atitude do fotógrafo diante da realidade; seu estado de espírito e sua ideologia acabam transcendendo em suas imagens, particularmente naquelas que realiza para si mesmo enquanto forma de expressão pessoal.

Suas convergências se encontram no ponto de vista, na perspectiva e na metodologia. Assim desenvolvendo suas narrativas, as obras produzidas por eles são independentes, porém, de igual importância, seus personagens emitem vozes sobre vozes até ouvirmos aquelas há muito inoportunas. Braga e Hatoum trazem à luz baila sujeitos subsumidos.

Acredito que nós produzimos uma visão da Amazônia sobre si mesma, intimista eu diria, sem os estereótipos usuais. [...]. Milton fala de suas referências de vida, do que lhe moldou como homem. Ambos somos descendentes de imigrantes libaneses. Não nascemos caboclos, mas nos tornamos a partir de um processo de maravilhamento com a cultura ribeirinha. (BRAGA, 2017).

Tanto Milton Hatoum quanto Luiz Braga, se propõem a desvendar a paisagem e a vida cabocla, abrindo espaço para infinitas interpretações sobre a Amazônia em suas respectivas obras. Na poética do paraense, as cenas fotografadas revelam o desejo permanente de construir o que podemos considerar como paisagens de origem, ao fotografar o cotidiano sem se render aos estereótipos ou conceitos prévios, mas deixando seguir por um processo um tanto intuitivo. Hatoum por sua vez, desenha com as palavras, sua narrativa é extremamente rica em detalhes e realidades ficcionais que levam a mente a viajar para muitos lugares, a carga cultural que ambos trazem em seus trabalhos é algo maravilhoso de se ler e observar.

Anexos

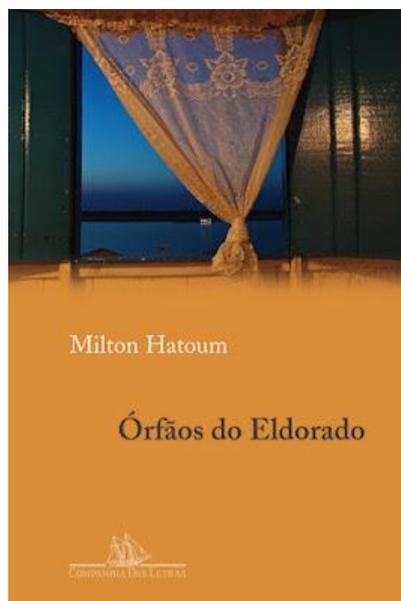


Figura 1: imagem de capa da primeira edição do livro *Órfãos do Eldorado*.
Trata-se da fotografia de Luiz Braga: *Janela em Marabá* (2005)



Figura 2: fotografia *Baba Patchouli* (1986)

Referências

Fontes

<https://m.youtube.com/watch?v=qQGD1w4JDrE>

<https://m.youtube.com/watch?v=BvyqNibZ9mM>

LOPES, Débora. “A trajetória do paraense que retratou a periferia de uma Belém do Pará *sui generis*”. Vice Brasil. 2017.

Bibliografia.

BENJAMIN, Walter. “Sobre o conceito de história” In.: *Magia e técnica, arte e política: Ensaios sobre literatura e história da cultura*. Obras Escolhidas, volume 1. Tradução Sérgio Paulo Rouanet. Prefácio: Jaenne Marie Gagnebin, 3ª edição – São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1996.

BOLLE, Willi. **Fisiognomia da metrópole moderna**. São Paulo: Edusp, 2000.

CHIODETTO, Eder. Luiz Braga. 1. ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2014.

GRIMALDI, Maura Castanheira. Esquinas: uma pesquisa sobre a cor na fotografia brasileira contemporânea, 2012. Dissertação (Mestrado – Escola de Comunicações e Artes). Universidade de São Paulo, São Paulo. **HATOUM**, Milton. *Órfãos do Eldorado*. – São Paulo : Companhia das Letras, 2008.

HATOUM, Milton. Amazonas, capital Manaus, In. : **NUNES**, Benedito; Hatoum, Milton. *Crônicas de duas cidades: Belém – Manaus*. – Belém: Secult, 2006.

HATOUM, Milton. *Órfãos do Eldorado*. – São Paulo : Companhia das Letras, 2008.

KOSSOY, Boris. *Fotografia & História*. – 5ª ed. – São Paulo: Ateliê Editorial, 2014

KOSSOY, Boris. *Fotografia e história*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

LE GOFF, Jacques. “Memória”. In.: _____ *História e memória*; tradução Bernardo Leitão... [et. Al.]. – 5ª ed.. – Campinas, SP : Editora da Unicamp, 2003.

LEGOFF, Jacques. “Documento/Monumento”. In.: *História e Memória*; trad. Bernardo Leitão (et.al.). Campinas: Unicamp, 1990.

LEITE, Miriam Moreira. Imagem e educação. In: SEMINÁRIO PEDAGOGIA DA IMAGEM NA PEDAGOGIA. *Anais...* Rio de Janeiro: UFF, 1996.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. O imaginário da cidade: visões literárias do urbano – Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre. 2ª ed. Porto Alegre: Ed. Universidade UFRGS, 2002.

RANCIÈRE, Jacques. O espectador emancipado; tradução Ivone C. Benedetti. – São Paulo : Editora WMF Martins Fontes, 2012